



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v11.947>

## Resenha

### Desafios da crítica biopolítica hoje: uma resenha de “Foucault além de Foucault” de Sandro Chignola

*Challenges of biopolitical criticism today: a review of “Foucault  
beyond Foucault” by Sandro Chignola*

*Cássia Zimmermann Fiedler<sup>1</sup>*

*Augusto Jobim do Amaral<sup>2</sup>*

#### Resumo

Foucault além de Foucault, de Sandro Chignola, busca analisar, em seis textos, que segundo o autor podem ser observados de forma autônoma e independente, o pensamento de Foucault, encarando-o enquanto um arsenal para a concretização de múltiplas interrogações acerca do pensamento político ocidental. O presente trabalho anuncia-se enquanto uma resenha da obra “Foucault além de Foucault: para uma política da filosofia” (Porto Alegre: Criação Humana, 2020) de Sandro Chignola, dessa maneira, vale dizer que o objetivo da resenha não é o de diretamente apresentar o pensamento de pensador francês, mas expor, de maneira crítica, o modo através da qual Chignola percorre e atravessa o pensamento do filósofo. A trajetória da obra debruça-se em especial desde os debates que surgem após a publicação dos últimos cursos ministrados por Foucault, no Collège de France, e que conduzem seu pensamento a um patamar privilegiado. A proposta de Chignola, a partir disto, foi a de exibir uma política da filosofia em seu estatuto de intervenção permanente na atualidade.

**Palavras-chave:** Crítica. Foucault. Verdade. Chignola.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com bolsa de estudo integral do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: cassiazfiedler@gmail.com

<sup>2</sup> Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais (linha de "Criminologia, Crime e Segurança Pública") e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

E-mail: guto\_jobim@hotmail.com

## Abstract

Foucault beyond Foucault, by Sandro Chignola, seeks to analyze, in six texts, which according to the author can be autonomously and independently analyzed, the Foucault's thinking, facing it as an arsenal for the concretization of multiples interrogations about the western political thought. The presente work is announced as a review of the work "Foucault beyond Foucault: for a philosophy policy" (Porto Alegre: Criação Humana, 2020) written by Sandro Chignola, thus it is worth mentioning that the aim of the review isn't to directly present the thinking of the french thinker, but to expose, in a critical way, the approach through which Chignola traverses and crosses the philosopher's thought. The trajectory of the work focuses especially from the debates that arise after the publication of the last courses lectured by Foucault, at the Collège de France, and which lead his thinking to a privileged level. The Chignola's propose, based on that, was to exhibit a policy of philosophy in its statute of permanent intervention today

**Keywords:** Criticism. Foucault. Truth. Chignola.

A obra agora resenhada ocupa um espaço privilegiado na larga trajetória de excelência de Sandro Chignola (Verona, 1961), hoje Catedrático de Filosofia Política da *Università Degli Studi di Padova*. Também, como Professor convidado da *Universidad Nacional de San Martin* (ARG), o filósofo inscreve sua investigação no campo do chamado pós-operaísmo, particularmente na historicidade dos conceitos da filosofia política moderna, dedicando-se, nos últimos anos, à elaboração de um registro capaz de potencializar as figuras clássicas do sujeito político moderno e a produção radical de novas subjetividades políticas, que emergem entre as tecnologias de submissão e as práticas contemporâneas de resistência. Neste esforço, obras como *Fragile cristallo* (Editoriale Scientifica, 2004), *Storia concettuale e filosofia politica* (Angeli, 2008), *Il tempo rovesciato. La Restaurazione e il governo della democrazia* (Il Mulino, 2011), *Il nuovi pottere constituent* (Ombre Corte, 2012) e *Da Dentro. Biopolitica, Bioeconomia, Italian Theory* (DeriveApprodi, 2018) são algumas expressões disto.

Assim, em especial, no livro "Foucault além de Foucault: uma política da filosofia", a filosofia do autor francês emerge como um campo de atualidades e críticas que traduz um exercício de intervenção permanente. Contudo, o que subjaz a essa concepção? Da mesma maneira, o que traz a análise do poder governamental em Foucault? Para Chignola, o conceito da *parrhēsia*, ou coragem de verdade, torna-se um termo de extrema relevância para Foucault, na medida em que permite interrogar qual o sentido da crítica, bem como interpela a analítica do poder e da governamentalidade. *Parrhēsia*, portanto, não é retórica ou simples repetição,

porque remete à ideia de acontecimento. O conceito jamais indica o que deve ser feito ou uma verdade formal, mas aponta para os exercícios de verificação. Tanto a iluminação de determinados regimes de verificação da governamentalidade quanto um olhar analítico que recaia sobre resistências que fazem frente a esses dispositivos pressupõem uma revisão do estatuto da filosofia, relacionada agora com a verdade, com o acontecimento e, conseqüentemente, com a abertura para a transformação.

Para Chignola, quando Foucault trabalha a modernidade, retoma o texto kantiano “O que é o esclarecimento?”, descrito como “ato inaugural de um pensamento da pura atualidade” (CHIGNOLA, 2020, p. 153), trazendo uma reflexão acerca do presente. Kant, assim, para o filósofo italiano, oferece um largo leque de ferramentas para que seja possível analisar a consciência, os processos históricos e a singularidade do tempo. A partir de Kant, a modernidade torna-se “atitude”, sendo possível pensar a atualidade, estabelecendo limites e condições de possibilidade do “agora”. Dessa maneira, a crítica transparece como uma “atitude-limite”, uma escolha, uma resistência. Outra parte constituinte do *ethos* da modernidade é, justamente, aquilo que interliga o dentro e o fora, como uma dobra, isto é, Kant interpreta o conhecer nessa dinâmica de duas vias, conectando experiência e capacidade.

Chignola, ao destacar o uso teórico da razão, persegue a pista foucaultiana e desloca o sujeito até uma posição de produção de verdade. O que emerge diante de nós, através da análise da razão em Kant, é uma conexão entre o limite, potência e possibilidade do “agora”, que traduz uma experiência da atitude crítica com a atualidade. Nesse sentido, o pensamento de Foucault se interliga ao de Kant, como destaca Chignola, como dirigido ao tópico da verdade, porém, de modo diverso, concentrando-se na produção histórica da verdade e questionando a relação neutra que existente entre o sujeito e os objetos. Ou seja, Foucault não faz uma filosofia que tem como central o sujeito ou suas capacidades, mas prioriza os modos de “subjetivação”, justamente porque expõe a articulação da história como decisiva para a caracterização e transfiguração dos objetos. Assim, examinar a verdade de forma crítica pressupõe iluminar práticas históricas específicas que a constituem.

Foucault se dirige – a partir de um diagnóstico preciso sobre o estatuto da política na atualidade, dos processos de subjetivação que o atravessam, dos dispositivos de governo que o marcam – ao abandono definitivo de uma filosofia política caracterizada pelo problema moderno da gênese e da

legitimação do soberano. Dirige-se à transformação decisiva que, a partir do século XIX e prolongando-se até a segunda metade do novecentos, investe as relações de poder e desloca o lugar da “verificação” do Estado ao mercado [...] (CHIGNOLA, 2020, p. 32).

Trata-se, nesse sentido, de superar o hobbesionismo da soberania, deslocando o olhar para novos regimes de verdade. Daí, passamos de uma “tanatopolítica”, da moderna soberania, até uma “biopolítica”, na qual estruturas jurídico-formais do direito já não são o componente nefrágico de análise. A introdução dos termos “biopolítica” e “biopoder” marcam essa transformação que Foucault explicita. Estudar a emergência da “governamentalidade” é observá-la a partir da realidade que a compõe, ou seja, como elaboração de um deslocamento do poder até a centralidade da economia. Contudo, o movimento do mercado não é especificamente o interesse de Foucault, mas, como explicitado por Chignola, a produção das formas de vida que derivam desse inédito cenário. Um novo sujeito surge, conduzido pelo interesse e expondo uma liberdade garantida pelo governo. Isto é, a liberdade vira objeto específico da ação do governo, emergindo como produto de ações assecuratórias.

Desse modo, poderíamos visualizar a vida submetida ao mercado, que se concretiza como novíssimo local de verificação. O indivíduo “empreendedor de si” é a representação da vida moldada no interior dessa lógica. Nesse ponto, Chignola destaca alguns alinhamentos e desencontros de Foucault com relação a Marx e a Weber. Para Chignola, é no pensamento de Marx que Foucault encontra diversos elementos para incrementar sua ideia de poder enquanto relações de forças assimétricas e mutáveis. Marx observou um sistema de relações heterogêneas que caracterizavam o corpo social e conseqüentemente moldavam o Estado. Por ele, o poder já era visto como algo que ultrapassava o âmbito jurídico e circulava, desprendendo-se de uma concepção centralizadora. Em linhas gerais, Foucault e Marx aproximam-se na medida em que observavam os embates como propulsores de uma analítica do poder, além de apresentarem a disciplina relacionada ao controle de corpos e às práticas valorativas. Contudo, Marx expressa o trabalho como essência dos sujeitos, afirmação que Foucault verticalmente se contrapõe, observando o trabalho desde um exercício forçado. Para Foucault, pensar através da história modificou o olhar acerca dos corpos, noutros termos, os corpos que são submetidos aos regimes de trabalho não surgiriam apenas como “empreendedores”,

mas também seriam subjetivados pelas resistências que aparecem como produto a submissão forçada e da compactação de subjetividades.

Quanto a Weber, teórico crítico largamente inserido dentro da tradição moderna, Chignola ressalta que existem tentativas por parte Foucault de manter um distanciamento, questionando os “tipos ideias” e a descrição de determinados processos históricos que se interligam até a ideia de razão. Para Foucault, observar a história é observar práticas, estratégias, dispositivos, com múltiplos efeitos e regimes de verificação que se relacionam à noção de governo. Ou seja, o “tipo ideal” é questionado pela apresentação de múltiplas racionalidades que se encontram em um campo de disputa. Apesar disso, Chignola ressalta que existem várias aproximações possíveis entre os dois autores. Quando Foucault realiza uma transição no seu pensamento, trabalhando o sujeito como produto da realidade, aí encontra Weber. Chignola descreve esse redirecionamento como “uma transição que se liga em Foucault à reivindicação por uma ética da investigação e uma prática da filosofia inserida materialmente na imanência da história para problematizar o estatuto do sujeito no marco da governamentalização dos dispositivos de poder.” (CHIGNOLA, 2020, p. 157).

Dessa maneira, retorna-se, de algum modo à temática do esclarecimento de Kant, interligada com Weber. Segundo Weber, todo conhecimento é específico, sem uma representação da realidade total. Nessa perspectiva, a história é escrita a partir de um discurso que não se interliga inteiramente à realidade, basicamente, uma ficção que se dá através da parcialidade. “A história é o campo dos possíveis” (CHIGNOLA, 2020, p. 172), sua descrição é feita no presente, que modifica o passado e o futuro. A partir do momento em que existiu uma investigação acerca da razão, foi possível deslocar a atenção até novos tópicos, emergindo uma crítica permanente que transparece como ética, como prática. Isto é, a filosofia, desde a modernidade, compromete-se com a verdade, investiga discursos e programas com intuito de indicar transformações produzidas e acontecimentos. Nas palavras de Chignola: “a verdade de uma história se faz pelos efeitos que ela produz, não pelo que ela registra, manifesta ou faz reaparecer. O motor de uma investigação histórica é a urgência do presente [...]” (CHIGNOLA, 2020, p. 169). A verdade não está fora da história e isso pressupõe uma disputa que a envolve, trata-se de uma batalha constante que atravessa todas as relações e constitui o sentido da filosofia para Foucault. Em suma, ambos se aproximam nos questionamentos sobre a ética da

prática intelectual, bem como nos efeitos do poder pastoral e suas resistências.

A partir disso, Chignola descreve a “*Histoire-fiction*” como uma reelaboração que se dá a partir de Weber. Foucault propõe uma ficção histórica da antiguidade que apresenta soluções para problemas atuais. Para tanto, volta até o Estoicismo. A escola estoica trabalha de forma íntima no entrelaçamento entre as noções de necessidade e acontecimento. O agir ético sempre deverá ser buscado. Contudo, os acontecimentos e consequências das condutas serão entendidos como um espelho do destino e devem ser visualizados como um desencadeamento inevitável do real. Neste passo, Chignola traz à tona Crísipo de Solos, que além de apresentar uma lógica que rivaliza com a lógica Aristotélica, foi um estoico que trouxe uma peculiar ideia de escravidão. A argumentação é feita no sentido de que o escravo transparece como aquele que não tem coragem para a vida filosófica, escravo jamais é aquele que está em uma condição física de servidão. Ou seja, Solos também faz frente ao argumento de uma superioridade natural de um filósofo ou governante, defendida por Aristóteles, podendo qualquer um seguir pelo caminho da filosofia. Por último, ainda Chignola apresenta Zenão de Cítio, fundador da escola estoica em Atenas, que anuncia um novo despertar da subjetivação não sujeitada aos esquemas estatais. Os estoicos foram influenciados pela tradição cínica que, pela ironia e pelo questionamento, ininterruptamente entravam em choque com o poder, propondo o repensar das formas de vida que eram produzidas.

[...] os estoicos não apenas substituem as ideias pelos corpos, as causas finais pelo movimento, mas desabilitam a própria noção de “projeto” [...] em favor de uma dinâmica e do primado da ação [...] A trans-formação das formas – troca de umas nas outras, ação de variação recíproca – não depende de uma ação externa, como no caso das coisas inanimadas (*apsychên*) nas quais ela se dá “como efeito da obra de transformação da matéria por parte de um demiurgo”, senão que é imanente ao processo das coisas, “como se lutassem pela vitória num grande e autêntico combate” (CHIGNOLA, 2020, p. 139).

Enfim, os dizeres sobre o mundo e a percepção sobre as relações se concretizam a partir de dissemelhantes sedimentos dentro do pensamento estoico, que é amplamente utilizado por Foucault para responder questionamentos contemporâneos concernentes à liberdade e a uma política dos governados. A *parrhêsia* surge como figura filosófica, crítica e de intransitividade da liberdade, segundo Chignola, “através da qual se materializam processos de subjetivação política na elipse que define o fato de governo como um enfrentamento irreduzível



entre governante e governado” (CHIGNOLA, 2020, p. 188). Isto é, a *parrhēsia* na antiguidade tardia resgatava uma ideia de acontecimentos, que seriam variações e ondulações substanciais que atribuem sentido aos sujeitos. Dados fornecidos empiricamente apresentariam um compromisso do sujeito com o acontecimento que ele é. Portanto, na época da governamentalidade, deve a *parrhēsia* ser entendida como aquilo que subjetiva o governado colocando-o diante do que o governa. Esse movimento é um risco para o sujeito, justamente porque o que é enunciado, em forma de indagação ou denúncia, é a verdade. Quando o risco é assumido, existe uma vinculação do sujeito consigo pela coragem de concretizar um ato livre que produz abertura subjetiva.

Foucault constrói a sua própria história da *parrhēsia* (mas, atenção, reivindicada como “fiction historique”, como genealogia que não reconstrói a objetividade de um desenvolvimento, senão mais bem o quadro fragmentado de uma série de problemas que procedem da questão imposta pelo presente. Quer dizer, novamente: pela “problematização” do nexos entre “governamentalidade” e “subjetivação”) (CHIGNOLA, 2020, p. 195).

Sabrina Morán observa que, apesar da indicação de Chignola para visualizar os textos de forma independente, existe a possibilidade de elaboração de uma linha que os interliga. A *parrhēsia* transparece arrematada como ficção histórica foucaultiana que problematiza a relação entre governamentalidade, subjetivação e filosofia. Aquilo que é exposto, por Foucault e, analisado por Chignola, em última instância, é a abertura para o pensar de uma ética e prática intelectuais que contemplam o presente, como também a ausência de neutralidade na prática filosófica que se concretiza através coragem de verdade (MORÁN, 2018, p. 260).

## Referências

CHIGNOLA, Sandro. *Foucault além de Foucault: uma política da filosofia*. Porto Alegre: Editora Criação Humana, 2020.

MORÁN, Sabrina. Foucault más allá de Foucault. Una política de la filosofía, de Sandro Chigola. Anacronismo e Irrupción: Revista de Teoría y Filosofía Política Clásica y Moderna. Buenos Aires, Vol. 8, nº 15, Noviembre 2018 a Mayo 2019.

*Recebido em:* 14/05/2020.  
*Aprovado em:* 04/08/2020.  
*Publicado em:* 15/08/2020.